

QUEIROZ, Rachel de. 1937. **O Quinze**. Rio de Janeiro: Editora do Brasil.

RAMOS, Graciliano. 1982. **Linhas tortas**. São Paulo: Record.

RIBEIRO, Lilian Adriane dos Santos. 2012. *O Quinze*, de Rachel de Queiroz: aspectos autobiográficos y de género. **Gênero na Amazônia**, p. 133-162.

RIBEIRO, Maria Aparecida. 2013. A sertaneja que não quis ser traduzida: Rachel de Queiroz e a Livros do Brasil. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, nº 53, p. 13-26.

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez de. 2011. **Literatura das Secas: Ficção e História**. Tese Doutoral. Universidade Federal do Paraná, Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes. 240p.

## **JESUÍNO, O PROFETA, DE CHICO ANYSIO: O MESSIANISMO EM SEUS ASPECTOS TEOLÓGICOS**

Joaquim Lopes da Silva Neto<sup>21</sup>  
Sebastião Alves Teixeira Lopes<sup>22</sup>

### **Resumo:**

O presente artigo apresenta *Jesuíno, o profeta*, de Chico Anysio, como *corpus*. Romance constituído pelas andanças da personagem Jesuíno pelo Sertão do Nordeste, carregando consigo profecias positivas, cujo intuito seria de atenuar a sensação de penúria a que o sertanejo, ao longo do tempo, se vê acometido. O autor revela na

---

<sup>21</sup> Mestre em Letras (Estudos Literários) – UFPI (Universidade Federal do Piauí)  
E-mail: jocanettu@hotmail.com

<sup>22</sup> Doutor em Letras – UFPI (Universidade Federal do Piauí)  
E-mail: slopes10@bol.com

personagem Jesuíno um sujeito que é considerado por alguns como um enviado Divino. Objetiva-se, em linhas gerais, investigar a representação dos aspectos messiânicos presentes em *Jesuíno, o profeta*, abordando especificamente os aspectos teológicos da narrativa, a fim de identificar a presença marcante da religiosidade constante no romance de Chico Anysio. Para tanto, apropriou-se dos aportes teóricos de Isaura Queiroz (1976), Alexandre Rossi (2002), João Décio (2002), Maurício Queiroz (2002), Otto Maduro (1983), Max Weber (1944), Roger Bastide (1959), dentre outros. Trata-se de uma pesquisa no campo da Crítica Literária com forte diálogo interdisciplinar com a Teologia. A conclusão deste artigo identifica os aspectos religiosos oriundos do messianismo praticado na região Nordeste, presença marcante na vida do sertanejo, identificando a personagem Jesuíno como profeta, um anunciador de boas novas.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. Chico Anysio. Jesuíno, o profeta. Messianismo. Teologia.

**Abstract:**

This paper has *Jesuíno, o profeta*, by Chico Anysio, as *corpus*. The novel presents Jesuíno's wanderings through the Brazilian Northeastern backlands, preaching positive prophecies, aiming at attenuating the suffering, which for such a long time afflicts the people of the region. The author reveals in the character of Jesuíno someone who is considered by some a person sent by God. In general terms the paper's objective is to investigate the representation of the kind of messianism present in *Jesuíno, o profeta*, trying to identify specifically the theological aspects of the narrative, highlighting the strong religiosity described in the Chico Anysio's novel. Authors like Isaura Queiroz (1976), Alexandre Rossi (2002), João Décio (2002), Maurício Queiroz (2002), Otto Maduro (1983), Max Weber (1944), Roger Bastide (1959), among other thinkers, are cited as theoretical background. It is a research in the field of Literary Criticism with a strong interdisciplinary dialogue with Theology. To conclude religious aspects of the messianism practiced in the Brazilian Northeast are highlighted as well as the strong religiosity of the people of the region, identifying the character Jesuíno as a prophet, an announcer of good news.

**Keywords:** Brazilian literature. Chico Anysio. Jesuíno, o profeta. Messianism. Theology.

## INTRODUÇÃO

Francisco Anísio de Oliveira Paula Filho (que logo assinaria Chico Anysio) nasceu na cidade de Maranguape, no Ceará, no dia 12 de abril de 1931. Faleceu em 23 de março de 2012, aos 80 anos, em decorrência de falência de múltiplos órgãos. O reconhecido humorista, além de compositor, músico, ator, diretor teatral e pintor, enveredou pelos caminhos da Literatura a partir de 1972, publicando o livro de contos *O batizado da vaca*. Livro este que nas 57 edições no Brasil vendeu mais de 400 mil

exemplares<sup>23</sup>. Durante a vida literária de Chico Anysio, somam-se 24 livros publicados, tendo sido o último: *O fim do mundo é ali* (2011). Na função de escritor, pode-se adiantar que Anysio desprende-se quase que totalmente da profissão que lhe consagrou nos meios televisivos. Muito raramente percebe-se em sua atividade literária o humor tão marcante na carreira deste plural artista.

O *corpus* de estudo deste artigo – *Jesuíno, o profeta* (1993) – foi inspirado na personagem Jesuíno, membro da seleção das mais de 200 personagens criadas pelo humorista. Esta personagem, nos quadros de televisão, tinha a função de encerrar os programas; na maioria das vezes com provérbios e citações proféticas, algumas até em forma de crítica social.

Em 1993, portanto, Chico Anysio lançou o romance *Jesuíno, o profeta*, tendo como personagem principal da narrativa, Jesuíno, um sujeito que muitos consideram um ser com dons que o elevam da condição de mero ser humano para a figura de um enviado de Deus.

Em *Jesuíno, o profeta*, Chico Anysio apresenta um sujeito tido como messiânico, um distribuidor de provérbios, que peregrina pelo sertão pobre e castigado pela seca, sem nenhum objetivo aparente, movido apenas pelo desejo de anunciar às pessoas que cruzam seu caminho a certeza de que dias melhores sempre poderão vir.

O romance apresenta cenas típicas do Nordeste sertanejo, abordando hábitos peculiares do homem e da mulher do Sertão, como as crendices e a religiosidade acentuadas dos sujeitos simples da região.

## 1. ENTENDENDO O MESSIANISMO

Para que uma discussão sobre o tema do messianismo em *Jesuíno, o profeta*, de Chico Anysio, seja iniciada, convém uma explanação acerca dos termos “profeta” e “messias”. Por um viés teológico, deve-se falar de “messianismo” e “profetismo”, já que se trata de conceitos distintos, embora interligados e mesmo, em alguns contextos, confusos, já que Jesus Cristo não é considerado o Messias por alguns, Messias por outros, existindo ainda aqueles que acreditam que se confunde o profeta Jesus Cristo com a figura de um Messias. No título do artigo, contudo, contempla

---

<sup>23</sup> A informação referente à venda de livros do escritor foi retirada do blog da Rede Globo de Televisão. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/platb/chicoanysio/quem-e-esse-cara/escritor/>. Acesso em 22 fev. 2015.

apenas o termo “messianismo”, por representar melhor o tema deste estudo, que se volta para o fenômeno social de caráter popular, marcado pela existência de um líder carismático, que, inconformado com o estado de coisas, prega que melhores dias virão, conseguindo arrebatar um considerável grupo de seguidores.

Sobre “messias” e “messianismo”, aponta-se alguns conceitos e fundamentações que vão nortear teoricamente este artigo. No sentido que equivale para a origem do termo “Messias”, Velloso (2015, p. 9) aponta que “A palavra tem origem na expressão comum hebraica ‘māsîáh’, significando ‘ungido’. Em grego, é transcrito como ‘Messias’, e traduzido como ‘Christos’”.

Para Queiroz, a figura de um messias torna-se emblemática, tal qual um ser Divino, que tem poder de manipular pessoas através da crença, sendo que essa concepção tem origem nos próprios textos bíblicos:

[...] O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do paraíso terrestre, tratando-se, pois de um líder religioso e social. O líder tem tal status não porque possui uma posição dentro da ordem estabelecida, e sim porque suas qualidades pessoais extraordinárias, provadas por meio de faculdades mágicas ou estáticas, lhe dão autoridade; trata-se, pois, de um líder essencialmente carismático. (QUEIROZ, 1976, p. 27).

Para a pesquisadora, além dos dons (provavelmente) espirituais, o sujeito intitulado “messias” deve ser munido de carisma, de modo a ser capaz de arrebatar seguidores em busca de uma palavra de conforto e, muitos outros, em torno de uma expectativa da salvação.

Neste mesmo sentido, Rossi discorre que o messias é um líder popular, como segue:

[...] O conceito de messias adotado pelos movimentos populares e teorizado por um número expressivo de sociólogos não possui a eficácia desejada. Afinal, parece-me que este conceito está ligado a uma consequência final chamada vitória e ainda à construção de um paraíso na história. (ROSSI, 2002, p. 12).

Para Rossi, há ligação direta entre o messias e a vitória que os seguidores desejam, no sentido de que o sujeito em questão possa levá-los a uma situação de paraíso, conforme mencionado nos livros que compõem a *Bíblia*.

Logo, no messianismo, o sujeito tido como messias pode intervir providencialmente. Segundo João Décio: “O messianismo consiste, estrita e originariamente, na crença ou esperança da problemática intervenção de circunstâncias

ou individualidades providenciais para assegurarem uma era de felicidade pública ou particular”. (DÉCIO, 2002, p. 50).

Corroborando com Décio, Queiroz (1981) aponta que o conceito de messianismo:

Compreende todo e qualquer conjunto de crenças religiosas, ideias e atividades, através do qual uma coletividade dada expresse a sua recusa diante de intoleráveis condições de existência e manifestando a esperança de que um herói sobrenatural abrirá as portas de uma vida livre de misérias e injustiças. (QUEIROZ, 1981, p. 250).

Já, Queiroz (1976) entende messianismo como:

A ação de um grupo obedecendo às ordens do líder sagrado, que vem instalar na terra o reino da sonhada felicidade. A crença nasce do descontentamento, cada vez mais profundo, de certas coletividades, diante de desgraças ou de injustiças sociais que acabrunham; afirma formalmente a esperança numa transformação positiva nas condições penosas de existência prestes a se produzir, desencadeada por um personagem divino. (QUEIROZ, 1976, p. 383).

Os pesquisadores mencionados abordam pontos cruciais do tema do messianismo, podendo-se destacar: a obediência ao líder, que para os seguidores é alguém com origem sagrada e características sobrenaturais; a instalação de um provável novo reino, onde a justiça e a paz prevalecerão; e principalmente, em função do descontentamento social em que o povo vive, a propagação da esperança em face das mazelas sofridas.

### **1.1 Um parêntese ao profetismo**

Antes da chegada do redentor (messias), há a necessidade de um anunciador que lhe promova a ideia de espera. Nessa espera, o profeta, além de anunciar a suposta vinda, também tem como característica (missão) formar seguidores para a chegada daquele que é anunciado, de modo que possam presenciar o cumprimento das profecias acerca da figura do messias.

Conforme Queiroz, o profeta equivale a uma espécie de “pré-messias”, uma ligação direta entre os seguidores, as profecias e o esperado e anunciado messias.

O messias é sempre “anunciado” por um personagem anterior (pré-messias) que lhe profetiza a vinda; ou então ele mesmo aparece, apregoa sua doutrina, retira-se para local incógnito ou santificado, para em seguida volver trazendo a Idade de Ouro ou os Novos Tempos. (QUEIROZ, 1976, p. 30).

No sentido de apontar as prováveis atribuições, ou características, do sujeito tido como profeta, Maduro aponta que:

O profeta é aquela pessoa (ou grupo) capaz de fazer explícito o implícito, capaz de unir o desunido, capaz de formular – no discurso e nos atos – um conjunto de procuras religiosas insatisfeitas, de maneira tal que clientes insatisfeitos (leigos e clérigos) se achem expressos nessa formulação profética e mobilizem então as próprias energias em torno do profeta, de seu discurso e de seus atos. (MADURO, 1983, p.143).

Os seguidores do profeta, normalmente, têm como característica o descrédito no sistema vigente, no sentido de se sentirem pressionados a aderir ao movimento, acreditando nas profecias anunciadas pelo precursor do redentor.

O objetivo do profeta, assim, é preparar a chegada do messias. Suas profecias sempre dirão respeito ao líder que irá, segundo suas profecias, trazer um novo reino, de justiça e paz para aqueles que resolverem dar crédito às falas proféticas. Logo, o profetismo, como menciona Décio (2002, p. 50) é uma “doutrina religiosa baseada nas profecias, compreendendo-as como predições de inspiração divina de qualquer acontecimento futuro”.

Relacionando-se o profeta com os seguidores, pode-se entender que as profecias giram em torno, principalmente, da consumação de um reino justo para todos, com esse advento acontecendo ainda nesta vida terrestre.

## **1.2 Do real à ficção: Antônio Conselheiro e Jesuíno**

De modo a prefaciá-la a personagem Jesuíno, apresenta-se o “Beato Conselheiro”, que, por alguns anos, viveu no Sertão nordestino com a provável condição de profeta do seu povo.

Antônio Conselheiro, que de batismo era Antônio Vicente Mendes Maciel, era considerado por seus seguidores “o bom Jesus” – o conselheiro do povo nordestino. O relato das andanças de Antônio Conselheiro foi descrito por Euclides da Cunha em **Os Sertões**, publicado em 1903.

Antônio Conselheiro nasceu na cidade de Quixeramobim, no Ceará, em 1830, e se considerava apenas um peregrino. Mas pelos seus seguidores era chamado de “meu pai”; os mais devotos o chamavam de “bom Jesus”. Além de ser uma espécie de

salvador para o povo da pequena cidade de Canudos<sup>24</sup>, Conselheiro tornou-se líder da resistência contra o novo regime que iniciara no país, passando de Monarquia para República. O beato Conselheiro é descrito por Toledo, mencionando que:

Vestia um camisolão azul, sem cintura. Tinha cabelos longos como Jesus, e barbas longas. Nos pés calçava sandálias, para enfrentar o pó das estradas e, a cabeça, protegia-se do sol inclemente com um chapelão de abas largas. Nas mãos levava um cajado, como os profetas, os santos, os guias de gente, os escolhidos, os que sabem o caminho do céu. Saudava as pessoas dizendo “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo” [...] (TOLEDO, 2002, p. 93).

Conselheiro considerava que todos eram iguais e que o tratamento deveria ser de forma igualitária e humana. A todos chamava de “irmãos” e acreditava que a cidade poderia seguir seu rumo próprio, sem que dependesse do restante da Nação. Desta forma, Conselheiro atraía seguidores em busca de uma nova expectativa de vida e, por outro lado, despertava olhares investigativos por parte dos gestores políticos, que culminou na Guerra de Canudos.

A personagem fictícia de Chico Anysio, Jesuíno, assemelha-se em alguns aspectos ao que foi apresentado na figura de Conselheiro. Como apresenta Anysio:

Ninguém sabia sua idade. De tão velho, aparentava a idade do mundo. Uma túnica de madapolão cobria seu corpo até os calcanhares encardidos. Nos pés, sequer uma alpercata de rabicho. [...] Os cabelos brancos e longos, davam a impressão de nunca terem sido cortados, assim como o bigode que se confundia com a barba no canto da boca. Na mão, o cajado. [...] Seu nome era Jesuíno, mas todos o chamavam de Profeta. (ANYSIO, 1993, p. 9).

A semelhante simplicidade no vestir, no agir e no falar é marca constante na figura da personagem Jesuíno, que nutre como expectativa de vida a ideia de causar contentamento a quem quer que possa cruzar seu caminho.

Neste sentido, Pereira, na orelha do livro, *Jesuíno, o profeta*, aponta que:

Assim é o Profeta. Ele vem de mansinho, com sua suavidade, dizendo coisas antigas que os homens já esqueceram. As boas palavras são palavras que geram paz, harmonia, e **contentamento**. Que nos enchem de entusiasmo, mudando para melhor as perspectivas do nosso cotidiano. (PEREIRA, 1993, s/p, grifo nosso)<sup>25</sup>.

Muito das semelhanças física e psicológica de Conselheiro podem ser percebidas na personagem fictícia de Chico Anysio. No entanto, o beato de Canudos, no

<sup>24</sup>Canudos era, conforme Toledo (2002, p. 95), “uma multidão de casas de taipa, desordenadas em volta de uma praça: eis o que era o arraial. O exército calculou em 25 mil os seus habitantes, o que equivalia à segunda cidade da Bahia, na época, só inferior a Salvador”.

<sup>25</sup>Informação retirada da orelha do livro *Jesuíno, o profeta*(1993), de Chico Anysio.

Sertão baiano, tinha uma das características marcantes que possa diferenciá-lo de Jesuíno, a liderança do povo.

Muitos dos que estavam a seguir Conselheiro acreditavam que ele poderia levá-los a uma espécie de revolução, da qual pudesse se originar um tipo de reino em que passassem a usufruir de justiça igualitária para todos. Jesuíno também pregava isso; pregava e seguia seu caminho. Não tinha seguidores. Seu ideal de revolução era algo no interior de cada pessoa. Por vezes, o Profeta contestava o fato de que as pessoas deveriam, por obrigação, tornar suas vidas bem melhores, dependendo do seu esforço para o trabalho, do amor que deve ser dedicado ao seu semelhante e da certeza de que dias melhores estariam por vir, ali mesmo em suas terras.

## **2. OS ASPECTOS TEOLÓGICOS EM *JESUÍNO, O PROFETA*, DE CHICO ANYSIO**

O sertanejo tem forte apego religioso. Por menor que seja o povoado ou a vila, sempre há uma pequena capela onde possa dedicar sua fé. Mesmo nos locais mais afastados dos centros urbanos, o sertanejo encontra espaço para proferir sua crença.

Neste tópico, discute-se a religiosidade do sertanejo e como essa religiosidade é interpretada e demonstrada por Chico Anysio em *Jesuíno, o profeta*; em seguida, examina-se os discursos de Jesuíno, enquanto parábolas proferidas ao povo sertanejo.

### **2.1 A religiosidade do sertanejo: promessas e crendices no Sertão de Jesuíno**

Nas casas do Sertão, ainda é comum se manter um oratório ou, como o sertanejo costuma chamar, um “santinho”, onde pode elevar suas preces, na intenção de que assim seja ouvido e atendido.

Muitas vezes, em meio ao desespero, o sertanejo se apega a devoções que o leva a realizar algo que se cristalizou com o nome de promessas, feitas às mais variadas imagens daquilo que, na concepção católica, são considerados santos.



Para o sertanejo, a promessa é atitude sagrada; o cumprimento desta torna-se obrigação para com o que ele considera divino. Em *Jesuíno, o profeta*, se pode observar esse apego religioso pelas promessas, como se cita:

- Oh, Profeta, o senhor?
- Como vai, Irmão?
- Enrolado, Profeta. Parece que não tem mais jeito, porque eu já fiz de tudo. Promessa é coisa que já fiz pra tudo que é santo. (ANYLIO, 1993, p. 61).

Como citado, a adesão a essas promessas se dá em momentos de profundo desespero. Não tendo mais como encontrar solução possível, o sertanejo se apega ao sobrenatural, suplicando pelo que chama de “graça a ser alcançada”.

O sertanejo é também muito ligado a credices populares, que vão passando de geração em geração e terminam por se perpetuar como leis do sertão. Segundo Ferreira (2001, p. 193), “credice” equivale a uma crença popular, que por sua vez, a palavra “crença” tem significação de “fé religiosa”.

Essas prováveis leis são quase imutáveis, no sentido de que o respeito pela execução das credices tenha validade e caráter praticamente hereditário. Sobre essas credices, em forma de mitos, Machado Neto menciona que:

A problemática do sertão, do "outro" Nordeste, não está ainda completa. Resta o fanatismo religioso, o messianismo, os mitos de salvação surgidos no Brasil desde os primeiros momentos da colonização, mesclando as crenças nativas com os mitos de origem portuguesa sob as mais diversas formas sincréticas. As crenças e mitos têm dado lugar a uma série de manifestações e movimentos dos mais diversos tipos, e vêm ocorrendo, desde o século XVI, em variados pontos do Brasil. (MACHADO NETO, 1971, p. 109).

Muitas dessas crenças não são exclusividades do sertanejo; são conhecidas e mantidas por todo o Brasil. Em *Jesuíno, o profeta*, encontra-se algumas dessas credices, que Chico Anylio descreve nas andanças do seu profeta, como segue:

### ***O canto do acauã***

Um das credices importantes mencionadas por Chico Anylio em *Jesuíno, o profeta* faz referência ao canto de um pássaro comum no Sertão – o acauã.

Ouviu-se o canto de um acauã. No sertão é agouro o canto do acauã. É chamamento de seca, leva a chuva pra longe. O homem esbravejou da segunda vez que o acauã cantou. – Vai cantar no inferno, bicho agourento. Vai cantar pro diabo. – Deixe o pássaro cantar, irmão [...] Não é ele que

afasta as nuvens, ou racha este chão. Veja que ele fica. Nada há para beber ou comer e ele fica. (ANYLIO, 1993, p. 31).

A crendice sobre o canto do acauã ainda hoje é espalhada pelo Sertão e foi perpetuada na canção “Acauã”, escrita por Zé Dantas, em parceria com Luiz Gonzaga, e gravada em 1952 pelo saudoso Rei do Baião, como segue:

Acauã, acauã vive cantando  
durante o tempo do verão.  
No silêncio das tardes agourando,  
chamando a seca pro sertão.  
Chamando a seca pro sertão.  
Acauã, acauã,  
teu canto é penoso e faz medo.  
Te cala, acauã!  
Que é pra chuva voltar cedo.  
Que é pra chuva voltar cedo.  
Toda noite no sertão  
canta o João Corta-Pau,  
a coruja, mãe da lua,  
apeitica e o bacurau.  
Na alegria do inverno  
canta sapo, jia e rã.  
Mas na tristeza da seca  
só se ouve acauã.  
Só se ouve acauã.  
Acauã, acauã... (DANTAS; GONZAGA, 1952, n.p).

O sertanejo, não havendo mais a quem atribuir as mazelas sofridas por conta da seca, termina criando mitos que vão, ao passar do tempo, sendo cristalizados pelo povo.

O profeta de Chico Anylio faz questão de mostrar que a indefesa ave não tem culpa nenhuma do agouro que lhe é atribuído, padecendo de igual forma na seca que assola o Sertão. Ao contrário, ressalta a resiliência da ave, que, mesmo sem água ou alimento, permanece na região, servindo de exemplo ao sertanejo.

Dessa forma, as crendices são cristalizadas pelo povo sertanejo, fazendo-se repassar quase que hereditariamente essa espécie de crença, tornando-se hábito corriqueiramente percebido no Sertão, bem como em *Jesuíno, o profeta*.

## 2.2 Seca no Sertão: castigo Divino?

Para se entender a problemática da seca no Sertão, recorre-se à possibilidade entendida por grande parte dos sertanejos que, pobres e abandonados pelas políticas

públicas que deveriam assisti-lo, passa a inferir que uma força superior tende a massacrá-los em forma de castigo, mantendo-os sentenciados a viver na penúria.

Sobre a ideia de que a seca no Sertão é percebida como castigo Divino, Antunes menciona que:

Os nordestinos tendem a atribuir à Natureza ou a Deus a responsabilidade pelos graves problemas da região, tornando, assim, seu mundo social uma realidade dada e, portanto, imutável (ou, se mutável, não dependente dele, mas de Outro). (ANTUNES, 2002, p. 126).

Os grandes períodos de seca na região Nordeste também são citados por Bastide, apontando que:

Há secas que ficaram famosas: a de 1790 a 1793, conhecida como “Grande Seca”; a de 1824-1825, acompanhada por uma epidemia de varíola; e principalmente a de 1877-1879, com 5780 mortos, 125.000 expatriados, dos quais alguns foram obrigados a comer cadáveres pelo caminho para também não morrerem de fome – seca que acarretou a perda de 180.000 cabeças de gado; a de 1915, com 30.000 mortos, 42.000 mil imigrantes e o desaparecimento de 680.000 bois, mais de dois milhões de cabras e carneiros, 122.000 burros e 211.000 cavalos. Mais perto de nós, houve ainda as de 1932 e de 1952-1953. Longos rosários de sofrimentos que explicam por que o vaqueiro vive no temor constante da cólera divina, que se abate impiedosa, sobre a terra.(BASTIDE, 1959, p. 85-86).

Em busca de solução para o problema da seca, o sertanejo se apega a rezas e crenças, promovendo rituais, acreditando que trará, por consequência, a chuva, como cita Araújo:

Aqui no sertão a vigília da chuva é a mais demorada de todo o Brasil. Espera-se por ela. Rezas e cerimônias religiosas são praticadas para vencer a periodicidade das secas implacáveis. Começam as observâncias tradicionais registradas no seu rico folclore do “**ad petendampluviam**”<sup>26</sup>.(ARAÚJO, 1972, p. 33-34, grifo do autor).

O sertanejo é, por demais, envolvido nesses tipos de crenças e superstições voltadas para a sequidão. Dessa forma, os rituais se multiplicam, apegando-se o sertanejo ao que for, no desejo de que possa vir o alento tão esperado – as chuvas.

---

<sup>26</sup> Expressão oriunda do latim: para pedir chuva [diz-se das preces públicas ordenadas após tempos de grande estiagem]. Disponível em <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/ad%20petendam%20pluviam;jsessionid=jGnU9xKAKHxkTOXJsQBEZQ>> Acesso em 10 mai. 2014.

Logo, pode-se compreender que o sertanejo, por padecer à espera das chuvas, vive em constante conflito consigo e com aquele que ele passa a acreditar ser o “culpado” pela vida penosa que é percebida no Sertão. Atribuindo, portanto, essa “culpa” quase unicamente a Deus, desconhecendo, assim, que se o sertanejo fosse assistido de forma satisfatória por benfeitorias sociais, muito do seu sofrimento seria minimizado.

### **2.30 discurso de Jesuíno: parábolas e profecias do Sertão**

A proposta deste tópico é demonstrar como Jesuíno faz uso de parábolas<sup>27</sup> como ferramentas de discurso, a fim de alcançar êxito em suas pregações proféticas. Por algumas passagens, Jesuíno as utiliza, fazendo com que sua mensagem chegue a seus seguidores em forma de alegorias, como fez Jesus Cristo.

Apresenta-se uma dessas parábolas utilizadas pelo profeta de Chico Anysio:

#### ***A vida e o mar***

A comparação feita no discurso a seguir faz com que o sujeito seja levado a buscar, no mais íntimo do ser, sua verdadeira essência, seu real valor. Jesuíno argumenta, através desta parábola, que os problemas são visíveis, porém tenta advertir que são superficiais e, como o mar, lá no fundo a tranquilidade se distancia da turbulência que há na superfície.

O homem que se dedica ao sucesso na vida exterior não encontra um momento livre para experimentar a paz. A paz está aí, solta no mundo, ao alcance de todos. Mas não é fácil alcançá-la. Para obter a paz o homem tem que procurar o ritmo que está no mais profundo de si mesmo. A paz está nas profundezas de cada ser humano, porque a vida é semelhante ao mar. A superfície do mar está sempre em movimento, mas o fundo do mar está com águas paradas. Se nossa vida é atirada no mar da atividade, fica na superfície, onde a água não para de se mover, onde tudo é sempre atribulado e difícil. Precisamos nos tornar conscientes de que a paz vive lá no fundo de nós mesmos. (ANYSIO, 1993, p. 72).

Neste sentido, Jesuíno revela, através da parábola, que a verdadeira paz está no que é pouco visível ou palpável. No interior de cada ser humano. Quando se entende que as tribulações são coisas superficiais, mas que com a busca no profundo de cada ser,

---

<sup>27</sup> Conforme Sanoki (2013, p.110), “Parábola é um gênero literário e seu conhecimento nos apresenta o uso de uma técnica utilizada pelos grandes filósofos para fazer conhecer ou transmitir ideias novas, fazendo analogias ou colocando de um lado um fato conhecido para comunicar algo novo ou incompreensível”.

este possa realmente se conhecer e se encontrar. As profundezas de cada ser humano, como mencionado equivalendo ao fundo do mar, tornam-se algo que nunca foi explorado e que, cada um pode, e deve, utilizar-se da calma e da paz que o fundo do oceano, e de si mesmo, podem proporcionar.

O discurso de Jesuíno também vai de encontro ao que, propriamente dito, seria a finalidade do profeta – o uso das profecias. Na narrativa, ainda que mencione sobre o fato de não serem ensinamentos, apenas conselhos, o profeta determina, através do discurso profético, que mudanças não de vir e que a vida das pessoas será transformada. Para tanto, há a extrema necessidade de que as pessoas possam acreditar que isso é possível e que tudo aquilo que elas acreditarem é capaz de que aconteça tal qual ele mesmo proferiu. Jesuíno não prevê a data da provável mudança, mas afirma que, pela fé, essa mudança virá. Cita-se:

Quando esta fartura virá, ninguém poderá dizer. Mas que virá é certo. A terra dá frutos e esses frutos pertencem ao homem. Se o fruto da terra é nosso, nós temos o direito de o colher. Um dia, Maria do Socorro, um dia há de vir em que não só as suas, mas todas as panelas estarão cheias. **Todas**, porque esta é a lei de Deus e esta lei está acima da vontade dos homens. (ANYSIO, 1993, p. 151).

O profeta Jesuíno faz uso de mais uma parábola de modo a profetizar e chamar a atenção das pessoas para que possam crer que algo melhor está por vir. A fartura mencionada por ele não será usufruída apenas pela pessoa que o escuta, mas o grifo representa que todas as pessoas serão beneficiadas pela lei Divina, que também é reconhecida nesta pesquisa como profecia e, assim, aqueles que acreditam, aguardam cumprimento.

O Profeta menciona a terra como geradora dos frutos que todos consumirão com fartura. Fartura esta que pode ser rebuscada nos primórdios bíblicos, quando da concepção da terra, na qual o Criador gerou Adão e Eva e os deu fartura abundante (GÊNESIS 2, 9).

Jesuíno, ao citar que “o fruto da terra é nosso”, nessa concepção, tenta mostrar a ideia de coletividade, como apregoa por todo seu discurso. Não se utilizou dos pronomes “seu” ou “meu”, mas, como em tantas outras situações, revela que todos têm direito às bonanças que possam levar para uma vida com riqueza e fartura. Cabe citar que a riqueza que, por vezes, Jesuíno menciona não se refere a bens financeiros, mas principalmente ao apego espiritual e à família. Como cita:

[...] e o menino apresentou-se, levantando o dedo, com um sorriso bonito como o de qualquer criança.

– Pois aí está a sua riqueza: a mulher a quem ama e o filho de quem cuida. São pobres, como eu, mas estão vivos e, o quanto é possível, saudáveis. (ANYSIO, 1993, p.19).

Neste sentido, Jesuíno menciona a família e a saúde como ideais de riqueza que, realmente, importam. Menciona também, no contexto, que a fartura a que se refere é algo que provoque contentamento não só físico, mas principalmente de ordem emocional, voltado para uma aproximação espiritual com o Criador.

Em outra situação, que pode equivaler a uma espécie de profecia, Jesuíno aborda a ideia de que um novo momento está prestes a chegar. O novo reino que se pode inferir que seja o “retorno glorioso”, já mencionado nesta pesquisa, como o momento em que o Messias regressa para levar seus seguidores ao paraíso. No trecho em questão, Jesuíno fala sobre um mal que o ser humano deixa florescer em si: a violência para com os outros; um mal que faz com que a pessoa se sinta no direito de ser desumano. Assim, Jesuíno comenta sobre a violência e profetiza sobre uma era vindoura.

O mundo precisa de harmonia e para isso os sentimentos devem ser de celebração. Há muita coisa a ser louvada e um dia essas coisas serão festejadas. A violência é inútil, só gera maus frutos. Essa é a sabedoria, é o que a vida nos ensina e aos ensinamentos da vida os inteligentes não podem dar as costas. Uma era de paz está se aproximando. A violência será varrida da face da Terra. (ANYSIO, 1993, p.29).

Na citação acima, pode-se perceber a veia profética de Jesuíno. Quando diz que “a violência será varrida da terra” e que “um reino de paz está se aproximando”, apresenta uma profecia clara e objetiva. Pode-se fazer aqui um pequeno paralelo com o Evangelho de **Marcos** (1, 15), em que se lê: "O tempo é chegado, dizia Ele. O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!".

Desta forma, analisando-se o seu discurso, infere-se que o profeta se faz entender na medida em que cada pessoa provoca em si o seu próprio fim. Trocando em miúdos, Jesuíno determina que as pessoas são exatamente aquilo que querem ser. A nova era mencionada, por vezes, Jesuíno deixa a entender que é uma nova vida ainda nesta vida. A partir do momento em que as pessoas promovessem uma mudança em si mesmas, como sugere: “Quando todos nós decidirmos que assim será. O homem é o

grande e verdadeiro juiz dos seus atos e, por se comandar, é ele quem decide”. (ANYLIO, 1993, p.29).

O poder de decisão mencionado pelo profeta Jesuíno pode equivaler ao que se aborda nesta pesquisa como “revolução”, explanada mais detalhadamente nos tópicos a seguir, que parte de uma revolta individual, a fim de que possa ser contemplada, em momento posterior de forma coletiva.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No entendimento que nenhuma pesquisa pode ser dada como concluída, chega-se neste momento do artigo apresentado sobre a escrita de Chico Anylio, *Jesuíno, o profeta*, compreendendo que são inesgotáveis as maneiras interpretativas a que um texto literário possa ser submetido. O objeto de estudo tratado neste texto não poderia ser diferente e muitas temáticas ainda podem ser esmiuçadas acerca da personagem principal (Jesuíno) e sobre o Nordeste, principalmente em relação ao sertanejo. Com isto, espera-se que a feitura desta pesquisa contribua para que caminhos diversos tenham sido abertos e que o autor – Chico Anylio – possa ser bem mais apreciado e discutido na qualidade de escritor, mesmo com o nome tão bem quisto no cenário da mídia brasileira sob a função de humorista.

No tocante à temática, a conceituação mencionada proporcionou a compreensão dos fundamentos que envolvem o tema messiânico, bem como as diferenciações teóricas existentes entre o messianismo e o profetismo. As diversas pesquisas realizadas acerca dos dois termos e todos os aspectos envolvidos no tema propuseram o entendimento de que o messianismo é um movimento amplo e complexo, que abarca até mesmo o profetismo. Baseado nisto, chegou-se a uma ideia aproximada do que poderia ser instituído como uma definição para o messianismo, mesmo entendendo que quando se estabelece uma definição “fechada” de algo, corre-se o risco de contra-argumentação, mas, assim, abrem-se cada vez mais debates preciosos e importantes sobre determinada temática.

Pôde-se inferir que o messianismo é um movimento religioso, social ou político que envolve os seguidores em torno da figura de alguém considerado libertador ou redentor das mazelas sofridas pelo povo. Alguém que através de promessas de dias melhores (ou de salvação) possa manifestar uma sede de transformação em seus

seguidores, a fim de provocar, no meio que os cerca, uma revolução que os liberte da condição de indivíduos cativos ou dependentes de um sistema, seja ele religioso, social ou político, que de alguma forma os mantiveram sob custódia do poder que vigora.

Sobre a ideia de que se compreendeu que o messianismo agrega até mesmo o profetismo, o entendimento causado é que o profetismo, na verdade, precede, ou seja, a figura de um profeta equivale a um anunciador daquele que possa vir na condição de messias, sendo assim o pré-messias.

Sobre o *corpus* deste artigo, culminou-se que, através dos mais relevantes conceitos e fundamentos que esta pesquisa se apropriou, a personagem fictícia de Chico Anysio, Jesuíno, pode ser percebida como sugere o título do próprio livro, tal qual um profeta, tornando-se marcante na narrativa como um aliviador das penúrias que acometem o sertanejo.

A abordagem teológica citada neste artigo demonstrou a forte presença da religiosidade do sertanejo e, principalmente, da personagem fictícia Jesuíno. As credences, as parábolas e as profecias utilizadas no transcurso desta pesquisa traçaram a ligação que há entre a personagem de Chico Anysio e a vida (religiosa) do nordestino sertanejo.

O aspecto trabalhado nesta pesquisa demonstra que o *corpus*, *Jesuíno, o profeta* carrega em seu conteúdo essa forte presença e apego do sertanejo à religiosidade, bem como é percebida na narrativa uma marcante e acentuada crítica social em relação ao desamparo que o sertanejo é acometido. No entanto, o profeta Jesuíno surge para atenuar através, não de milagres, mas de sua fala serena e revigorante, de modo que o sertanejo comece a sentir valor no pouco que lhe parece oferecido pela vida.

As palavras do Profeta são transformadas em bálsamo cicatrizante para todos aqueles que, já sem esperança de melhoria de vida, têm no discurso verdadeiro e amável do velho andarilho do Sertão, vislumbrado por Chico Anysio, a certeza de dias melhores.

## REFERÊNCIAS

ANYSIO, Chico. **Jesuíno, o profeta**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.



ANTUNES, Nara Maria de Maia. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. In: BURITY, JoanildoA. **Cultura e Identidade: Perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ARRUDA, G. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. São Paulo: Edusc, 2000.

BASTIDE, Roger. **Brasil, terra de contrastes**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1959.

BÍBLIA. Português. **BÍBLIA SAGRADA**. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri – SP: Sociedade bíblica do Brasil, 2008. 1664p.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

DANTAS, Zé; GONZAGA, Luiz. Acauã. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: Luiz Gonzaga. **Adeus, Pernambuco**. [S.I.]: Victor, p1952. 1 CD. Faixa 3. Remasterizado em digital.

DÉCIO, João. Profetismo, messianismo e utopia na obra do padre Antônio Vieira. **Revista Letras**. Santa Maria, n. 24, p.49-56, jan, 2002. Semestral. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistalettras/letras24.html>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GÊNESIS. In: **BÍBLIA SAGRADA**. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri – SP: Sociedade bíblica do Brasil, 2008.

MACHADO NETO, Zahidé. **Estrutura social dos dois nordestes na obra literária de José Lins do Rêgo**. 1971. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas)

MADURO, Otto. **Religião e luta de classes**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

MARCOS. In: **BÍBLIA SAGRADA**. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri – SP: Sociedade bíblica do Brasil, 2008.

PEREIRA, Vicente. Orelha. In: ANYSIO, Chico. **Jesuíno, o profeta**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus editora, 1976.

QUEIROZ, Maurício Vinhas. **Messianismo e conflito social**. São Paulo: Ática, 1981.

SANOKI, Koichi. Parábola: um gênero literário. **Revista eletrônica espaço teológico**. São Paulo. Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013, p. 102-112. Disponível em <<http://http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/17365/12893>>. Acesso em 01. jul. 2015.

ROSSI, Luiz alexandre. **Messianismo e modernidade: repensando o messianismo a partir das vítimas**. São Paulo: Paulus, 2002.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. O legado do Conselheiro: Cem anos depois, Canudos é uma ferida e um emblema do Brasil. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). **O clarim e a oração: Cem anos de Os sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 93-121.

VELLOSO, João Paulo dos Reis. **Messias**: das Premonições (Antiguidade clássica e profetas) ao filho de Deus (e à virgem). Livros do futuro. Rio de Janeiro, 2015.

**DA INQUIETAÇÃO DA MORTE**